



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Arte, Cultura e Comunicação

TOWARDS AFRICAN COMMUNICATION FOR DEVELOPMENT. GUINEA-BISSAU & MOZAMBIQUE CASES.

PAULA, Patrícia Filipa

Doutoranda em Ciências da Comunicação -Africanologia,

ISCTE-IUL

patmotapaula@netcabo.pt

Resumo

O presente artigo tem como propósito chamar a atenção para a importância da Comunicação para o Desenvolvimento (C4D), um conceito que se reveste de uma importância capital ao nível da nossa concepção como seres humanos - inatamente sociais e sociáveis - dado que pressupõe a participação activa e consciente de comunidades pobres, marginalizadas e info-excluídas na esfera pública (invertendo o isolacionismo e a apatia gerados pela Globalização). O facto de a ilustrar aqui como fundamento duma praxis específica - as Rádios Comunitárias - fica a dever-se ao facto destas serem um garante fidedigno dos direitos e liberdades humanas fundamentais em contextos caracterizados pela extrema pobreza, de que são exemplo os Países em Vias de Desenvolvimento, sobretudo em África.

Por conseguinte, este texto analisa a origem, a evolução, o enquadramento, a extensão, as tendências, as práticas, os componentes, os objectivos, as vantagens e os instrumentos privilegiados da C4D. Um conceito cuja relevância foi amplamente reconhecida nos programas das Nações Unidas que apostaram nas Rádios Comunitárias, e nas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, como ferramentas multisectoriais para o desenvolvimento socioeconómico, vitais à prossecução dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio.

Abstract

The present paper aims at drawing attention to the importance of Communication for Development (C4D), a concept of capital importance for us as human beings - innately social and sociable ones - as it presumes an active and aware participation by poor, marginalized and information excluded communities on the public sphere (thus reversing the apathy and isolationism generated by Globalization). The fact that is herewith demonstrated as cornerstone of a particular praxis - Community Radios - is owed to the evidence that these are a bona fide guarantee of human rights and freedoms in contexts characterized by extreme poverty of which the Developing Countries are an example above all in Africa.

Therefore, this text analyses the origin, evolution, framework, extension, trends, practices, components, objectives, advantages and privileged tools of Communication for Development. This is a concept whose relevance has been widely acknowledged in United Nations programmes that have supported Community Radios and NTICs as multi-sector tools for social and economic development and vital to the pursuit of the Millennium Development Objectives.

Palavras-chave: África Lusófona; Comunicação para o Desenvolvimento; Rádios Comunitárias; Capacitação Local.
Keywords: Lusophone Africa; Communication for Development; Community Radios; Local Empowerment.

[PAP0432]

1. Introdução

O presente artigo visa responder a cinco questões amplamente discutidas a nível mundial, embora por um grupo muito restrito de pessoas: Porque é que temas sobre capacitação local, poder social e participação activa/voz são primordiais no desenvolvimento? Que papel podem os media locais desempenhar na construção, facilitação e priorização de um discurso desenvolvimentista? Quais são as abordagens-chave no que concerne ao estudo do tripé: Media, Comunicação e Desenvolvimento? Como definir «Comunicação para o Desenvolvimento» (C4D)? Será a C4D útil na resistência aos efeitos nefastos da Globalização?

Qualquer tentativa de resposta implica abordar o nascimento e a queda, as contradições e as inconsistências do Paradigma dominante da Modernização. Percebê-lo implica abordar as três Décadas do Desenvolvimento, representativas da evolução do papel da comunicação nos projectos de desenvolvimento aplicados nos PVD “Given their necessary connection, much of the discussion of development communication overlaps with talk about development in general and theories of development. Understanding the context and content of communications for development is necessary” (Srampickal, 2006: 3).

A Assistência Multilateral ao Desenvolvimento, através das agências especializadas das NU, nasce em 1945 permitindo humanizar e democratizar a comunicação através de projectos de C4D no Terceiro Mundo “*The United Nations has played a leading role in promoting human rights and duties. These ensure a person’s responsible participatory action in society by balancing empowerment through communication with social responsibilities and service to one’s own society*” (Srampickal, 2006: 5).

A Assistência Bilateral ao Desenvolvimento surge em 1949 quando o então presidente dos EUA, Harry Truman, propôs o «Programa dos 4 Pontos» (versão para o Terceiro Mundo do Plano Marshall que visou a reabilitação da Europa no pós-Segunda Guerra Mundial) que remetia para os objectivos, a longo prazo, dos EUA: 1. apoiar a ONU, reforçando a sua capacidade de decisão e acção no terreno; 2. revitalizar a economia mundial; 3. defender a liberdade mundial contra os perigos da censura; 4. apostar num programa original de “modernização e investimento de capital”. Porquê?

More than half the people of the world are living in conditions approaching misery. Their food is inadequate. They are victims of disease. Their economic life is primitive and stagnant. Their poverty is a threat both to them and to more prosperous areas. For the first time in history, humanity possesses the knowledge and skill to relieve the suffering of these people (Daniels, 1951: 10-11)

Aliviar o sofrimento do Terceiro Mundo pressupunha, assim, copiar o modelo de desenvolvimento ocidental (conhecimento, tecnologia, práticas, competências e novos mecanismos de poder) em diversas áreas: agricultura, comércio, indústria e saúde. Segundo Truman, a prosperidade e a paz destes países dependia de “greater production” através de “*wider and more vigorous application of modern scientific and technical knowledge*” (Melkote & Steeves, 2001: 52). O resultado desta proposta era, gradativamente, comparável com: desenvolvimento sinónimo de poder, controlo, persuasão e dominação do Norte industrializado.

I. As Três Décadas do Desenvolvimento «versus» evolução da C4D

A Primeira Década do Desenvolvimento (1960), é um período de grande optimismo, caracterizado pelo crescimento económico - através da Industrialização (em detrimento da agricultura), da Urbanização e da Ocidentalização - e pelo investimento intensivo de capital em tecnologia e sua transferência para o Sul. Um processo, à partida simples, designado por “Tendência Pró-Inovação”. Contudo, rapidamente se concluiu que as debilidades do Terceiro Mundo eram muito mais profundas e abrangentes do que se supunha: os destinatários não possuíam formação alguma que lhes permitisse optar de entre um leque de alternativas infindável. A importância dos mass-media nos projectos de desenvolvimento começava a ser reconhecida...

It was soon clear, however, that the post-colonial Third World problem was quite different. There was no adequate pre-existing base of expertise except within the erstwhile colonialists

themselves. More significantly, masses of people had to have their traditional lifestyles changed radically. Development, therefore, involved not simply the transfer of capital and technology, but also the communication of ideas, knowledge, and skills to make possible the successful adoption of innovations (Melkote & Steeves, 2001: 54).

A resistência das populações a esta mudança radical impôs a adopção da “Tendência Pró-Persuasão” cujo objectivo era convencer as populações a alterar os seus estilos de vida através da comunicação persuasiva, a cargo das agências das NU que, numa primeira fase, enviou especialistas para trabalhar em conjunto com os Ministérios da Agricultura dos PVD, cujo departamento de extensão se encarregava de ensinar aos agricultores as técnicas e as práticas inerentes à agricultura moderna. O objectivo já não era a mera transferência de tecnologia mas sim a formação técnica dos destinatários no terreno, sem qualquer formação académica.

De referir que a maioria dos programas de extensão basearam-se no modelo de “Difusão de Inovações” de Everett Rogers, considerado o pai da Comunicação para o Desenvolvimento. *“The diffusion model assumes that a proper combination of mass-mediated and interpersonal communication strategies can move individuals from a process of awareness (usually of a new technology) through interest, evaluation, trial, and finally the adoption of that technology”* (Melkote & Steeves, 2001: 56).

O objectivo era transformar o agente de extensão num agente de mudança que influenciasse as decisões dos destinatários rumo à adopção das inovações tecnológicas ocidentais. Um processo de intervenção que supunha um fluxo hierarquizado e unidireccional de mensagens minuciosamente orientadas que, muitas vezes, ignorava a essência e a compatibilidade dos materiais de comunicação: *“The role of communication was to transfer technological innovations from development agencies to their clients, and to create an appetite for change through raising a climate for modernization among the members of the public. These describe elitist, vertical, top-down communication models”* (Srampickal, 2006: 5).

Este paradigma de desenvolvimento «Modernização» ignorou as especificidades culturais, geográficas, ideológicas e históricas (colonização, lutas de libertação, guerras civis) dos PVD e retirou-lhes a possibilidade de trilhar o seu destino: *“The dominant paradigm denied history to developing nations. The assumption was that the Third World nations resembled earlier stages of the history of West European nations”* (Melkote & Steeves, 2001: 171). Uma imagem distorcida que classificou Terceiro Mundo de “subdesenvolvido”, um conceito imaginado que interferiu negativamente com a evolução da C4D: *“In the dominant paradigm, communication was visualized as the link through which exogenous ideas entered the local communities. Diffusion of innovations then emphasized the nature and role of communication in facilitating further dissemination within local communities”* (Melkote & Steeves, 2001: 126).

Comunicação e Desenvolvimento constituíam, assim, dois elos indissociáveis e imprescindíveis ao crescimento económico pensado e imposto pelos Estados centrais, cujo objectivo era assegurar a sua própria hegemonia a nível mundial. Contudo, vários factores conduziram ao falhanço das estratégias de Difusão:

1. Imprecisão dos conceitos difundidos que ignoravam a dimensão cognitiva da comunicação (distorcendo a ideia de comunicação como processo): *“Communication flows were hierarchical, one-way, and top-down. People were regarded as passive receivers of development information”* (Melkote & Steeves, 2001: 249).
2. Ignoravam as preferências, os fracos conhecimentos/competências dos destinatários e demais entraves: *“these technologies could not be adapted exactly, as many of these countries lacked basic infrastructure items like electricity and transportation”* (Srampickal, 2006: 5), essenciais ao sucesso dos projectos;
3. Não chegavam aos segmentos populacionais mais pobres e marginalizados, ou seja, à grande fatia dos agricultores de subsistência na África Subsariana: as mulheres. Consequência: desigualdades de género cada vez mais evidentes por via da tendência patriarcal da modernização que via a mulher como um entrave ao desenvolvimento, atribuindo-lhe papéis domésticos passivos e secundários em termos de desenvolvimento *“Modernization exported a Western patriarchal model in which the male breadwinner headed the family unit while the woman raised children and managed the household”* (Young, 1993: 19).
4. Menosprezavam o crescente fosso informacional/comunicacional/tecnológico Norte-Sul e Urbano-Rural;

5. Pressupunham modelos orientados para a Autoridade em detrimento de modelos dirigidos ao Utilizador (minimização da participação local em prol da comunicação de massas, resultado: agricultores de subsistência excluídos das redes interpessoais de comunicação):

In development literature, mass communication media have been considered the prime movers in social development. This view was much stronger in the 1950s and 1960s when the central focus was on the big mass media to the neglect of interpersonal/organizational networks and indigenous channels of communication (Tehrani, 1994).

Nesta década, Modernização “*A transition, or rather a series of transitions from primitive, subsistence economies to technology-intensive, industrialized economies; from subject to participant political structures; from closed, ascriptive status systems to open, achievement-oriented systems; from extended to nuclear kinship units; from religious to secular ideologies*” (Tipps, 1973: 204) e Desenvolvimento “*a type of social change in which new ideas are introduced into a social system in order to produce higher per capita incomes and levels of living through more modern production methods and improved social organization*” (Everett Rogers, 1969: 18) eram praticamente sinónimos. Definições limitadas cujas falhas são óbvias:

Any discussion of development must include the physical, mental, social, cultural, and spiritual growth of individuals in an atmosphere free from coercion or dependency. Also, greater importance must be given to preserving and sustaining traditional cultures, as these constitute the media through which people at the grassroots structure their reality. Local cultures in developing nations and elsewhere are not static. To talk, therefore, of uprooting local cultures is not only naïve but also ethically indefensible (Melkote & Steeves, 2001: 332-333).

Por contraste, a **Segunda Década do Desenvolvimento**(1970), remete-nos para um período pessimista (desilusão com os resultados e com a natureza do desenvolvimento) caracterizado pela exploração do Terceiro Mundo e cuja consequência foi “desenvolvimento do subdesenvolvimento”, este último visto como resultado do progresso europeu. Surgem, no entanto, concepções alternativas de Desenvolvimento - alicerçadas em modelos de crescimento mais equitativos - com ênfase nas seguintes áreas:

- 1.Participação activa das pessoas em actividades desenvolvimentistas (a comunicação participativa ganhou adeptos, defensores de que os indivíduos são sujeitos activos na recepção, processamento, interpretação e difusão da informação veiculada pelos media: agora considerados agentes de reforço com efeitos limitados e não tanto agentes geradores de mudanças comportamentais imediatas);
- 2.Auto-determinação e auto-confiança das comunidades locais e sua respectiva libertação da dependência externa:

The idea of self-development gained popularity in the 1970s. In other words, user-initiated activity at the local level was considered essential for successful village-level development. Thus, the emphasis was not so much top-to-bottom flows of information and messages from a government official to a mass audience, but importantly, bottom-up flows from users to sources, and horizontal communication flows between people. Self-development implied a different role for communication from what was conceptualized and operationalized in the modernization paradigm. Communications flows were now initiated in response to articulated needs of the users(Melkote & Steeves, 2001: 249-250);

3. Tecnologias, estruturas, crenças e saberes tradicionais;
4. Discutiram-se, pela primeira vez, Modelos de Desenvolvimento Sustentáveis (Conferência das NU sobre o Ambiente, Estocolmo, 1972) visando ultrapassar a visão ocidental da natureza: objecto a ser explorado e subjugado. Objectivo: criar uma nova relação entre sociedade e natureza no âmbito do desenvolvimento;
5. Proposta de reorientação da política desenvolvimentista: de uma abordagem economicista hierarquizada para uma abordagem humanista e equitativa da distribuição dos benefícios do desenvolvimento. Há uma preocupação clara com as necessidades básicas das pessoas: “*Provide adequate food and clean drinking water, decent shelter, education, security of livelihood, adequate transport, help people participate in*

decision-making, uphold a person's dignity and self-respect and socio-economic right to international resources" (Melkote & Steeves, 2001: 167).

6. Reemergência da cultura local e da religião nas actividades de desenvolvimento: interesse renovado pelo estudo do papel positivo destas áreas na mudança social;

7. Valorização de canais tradicionais de C4D, considerados extensões da cultura local: *"In the early 1970s, several international conferences addressed the idea of using folk media to promote development. Folk media consist of a variety of forms: folk theater, puppetry, story telling, folk songs, folk dances, ballads, mime, and more"* (Melkote & Steeves, 2001: 252-53).

8. Conscientização crescente das desigualdades de género no desenvolvimento. Movimento feminista internacional ganhou força por via das iniciativas WID "Woman in Development" e as mulheres começaram a organizar-se em prol da mudança social, nomeadamente através dos mass-media:

The work of WID specialists led to greater visibility for women's roles in development. The WID specialists sought to integrate women into the mainstream of economic development and lobbied to ensure that the benefits of modernization accrued to women (and not just men). Women's access to education, training, employment, credit, capital, and land were emphasized in this discourse. (...) By the mid-1970's, the call for equity was incorporated within the rubric of meeting basic human needs and poverty alleviation (Melkote & Steeves, 2001: 187-88).

9. Visando diminuir o fosso informacional/de conhecimento entre os "pobres informados e os ricos informados" foram sugeridas novas estratégias: a) utilizar a Comunicação Local nos esforços de auto-desenvolvimento; b) utilizar a comunicação para consciencializar as pessoas acerca da dura realidade que as rodeia, a todos os níveis; c) utilizar a Comunicação como catalizador para a mudança, encorajando o diálogo entre peritos e beneficiários (item referido, mais tarde, no Relatório McBride "Um Mundo, Muitas Vozes", publicado em 1980 pela UNESCO).

O relatório supracitado advertia para a necessidade de instituir uma «Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação» (NOMIC) e sublinhava a importância dos actores, dos recursos, das infraestruturas, das organizações, dos contributos e dos media locais:

More emphasis should be placed on these media and local activities for four main reasons: one, because they may be overshadowed and pushed into the background by the big media; two, because mass-media have been expected to accomplish tasks and goals for which they are not fitted; three, because in many countries the neglect of a certain balance between big and small led to unnecessary wastage of scarce resources, by using inappropriate means for diverse audiences; four, because by establishing links between them broader horizontal communication could be developed (UNESCO, 1980: 55-56).

1.2 Década de 1970 marca o aparecimento formal do termo «C4D»

A década de 1970 ficou marcada pela afirmação de peritos em comunicação do Terceiro Mundo, treinados nos EUA, que desafiaram a natureza da pesquisa americana em termos de C4D, reconhecendo que os primeiros projectos de desenvolvimento não valorizaram os verdadeiros entraves comunicacionais "externos à adopção": 1. escassez de conhecimentos e aptidões adequadas sobre as inovações a adoptar, 2. número reduzido de pessoas envolvidas no processo de planeamento do desenvolvimento, 3. ausência de incentivos materiais e financeiros essenciais à adopção, 4. desenvolvimento inadequado do mercado para venda e compra de produtos, 5. ausência de infraestruturas facilitadoras da difusão de informação e distribuição de materiais, 6. falta de oportunidades de trabalho nas áreas rurais fora das épocas mais trabalhosas. Eu acrescentaria: 7. estratégias e conteúdos de comunicação imperfeitos e mal direccionados.

O trabalho destes peritos permitiu a conceptualização da comunicação como um alicerce imprescindível aos projectos e actividades desenvolvimentistas, denominando-a: Comunicação de Suporte ao Desenvolvimento (CSD): *"The DSC specialist has the job of bringing the communication gap between the technical specialists*

with expertise in specific areas of knowledge and potential users who may need such knowledge and its specific applications to improve their performance (...) (Melkote & Steeves, 2001: 62).

O termo “Comunicação para o Desenvolvimento” foi usado, pela primeira vez, em 1972, por Nora Quebral - considerada a “mãe da C4D” - que a define assim: *"the art and science of human communication applied to the speedy transformation of a country and the mass of its people from poverty to a dynamic state of economic growth that makes possible greater social equality and the larger fulfillment of the human potential"* (Quebral, 2002: 16; 2006b e 2012: 3).

Esta professora na Universidade das Filipinas “Los Baños” colocou a ênfase no comunicador para o desenvolvimento, nos media comunitários e, sobretudo, na radiodifusão comunitária com programação educativa (facilitadora das relações interpessoais em contexto rural) com o claro intuito de:

Circulate knowledge that will inform people of significant events, opportunities, dangers and changes. (...) Provide a forum where issues affecting national or community life may be aired. (...) Teach those ideas, skills and attitudes that people need to achieve a better life. (...) Create and maintain a base of consensos that is needed for the stability of the state (Quebral & Gomez, 1976: 6, cited in Manyozo, 2006: 87-88).

Com este salto qualitativo, o conceito de desenvolvimento alterou-se significativamente: “The improvement of the well-being of the individual and the betterment of the quality of his or her life”. Bem como se alterou o papel atribuído à Comunicação nos Processos de Desenvolvimento: *“People placed more emphasis on the contribution of communication to the promotion of democratic and social rights, which led to the development of community radio and communication agencies in the South dedicated to these aspects”* Dagron (2001).

Contudo, este modelo desenvolvimentista inerente à década de 1970 fracassou por múltiplas razões, destaco:

1. A comunicação de massas era percebida como mera transmissão de informação, ou seja: processo linear de mensagens unidirecionais e impessoais que poucas oportunidades de resposta concedia ao receptor;
2. O carácter indissociável entre comunicação e cultura foi subvalorizado;
3. Os aspectos imateriais do desenvolvimento (valores/tradições/línguas locais) foram claramente ignorados;
4. As mensagens mediáticas centravam-se nos indivíduos e não nos grupos, cujo poder e o direito de enfrentar estruturas sociais opressivas era desvalorizado;
5. Visão etnocentrista do desenvolvimento que considerava o terceiro mundo atrasado devido às suas tradições ancestrais;
6. Controlo das comunicações por parte de grandes instituições (corporações privadas, fundações, governos e grandes partidos políticos) que tinham poder de decisão e influência em termos de manufactura, distribuição e difusão de mensagens;
7. O tripé «comunicação, desenvolvimento e empowerment» não era percebido como interdependente e impulsionador de progresso;
8. A C4D era vista como um “processo de marketing persuasivo” e não como alavanca das capacidades nacionais, método de construção de consensos e de angariação de alianças, socialmente sensível, multifacetado e alicerçado nas estruturas societais políticas, económicas, religiosas, culturais e ideológicas;
9. Os modelos e/ou estratégias de desenvolvimento não eram cultural e historicamente sensíveis, ignoravam a importância das diferenciações de género, classe, raça, etnia, religião, escalão etário e nacionalidade;

A **Terceira Década do Desenvolvimento** (1980) - conhecida por «década perdida do desenvolvimento» -, caracterizou-se por: **1.** recessão global na maioria dos países industrializados, **2.** sérias dificuldades económicas nos PVD (problemas na balança de pagamentos, dificuldades para liquidar os empréstimos concedidos e drásticas descidas dos preços para exportação), **3.** imposição de Políticas de Ajustamento Estrutural pelas agências doadoras aos países devedores visando reanimar as suas economias paralizadas;

4.implementação de um modelo económico neoliberal: redução do papel do Estado, dependência crescente dos mercados e redução significativa dos gastos estatais no sector dos serviços sociais (saúde, subsídios de alimentação, educação); 5.aumento da pobreza entre os carenciados e os marginalizados e consequente depredação dos recursos naturais, 6.crescente conscientização das desigualdades de género e das diferenças globais ao nível das prioridades femininas, assuntos debatidos na Conferência de Copenhaga (1980) e na Conferência Nairobi (1985); 7.críticas à «Abordagem das Necessidades Básicas» e respectiva retórica marcam o discurso sobre «desenvolvimento» dado que as necessidades humanas permaneciam insatisfeitas.

De ressaltar a implementação de iniciativas GAD “Gender and Development” - por parte das agências das NU e de movimentos feministas - cujo âmbito de actuação vai muito para além das iniciativas WID que marcaram os anos 70: *“The GAD approach goes beyond the creation of equality between the sexes to question the underlying assumptions of the dominant social, economic, and political structures that accord and perpetuate an inferior status to women relative to men”*(Melkote & Steeves 2001: 189).

Um cenário que motivou Andrew Moemeka (1989: 9) a reformular o conceito de C4D:

is not merely a matter of transmitting information about how things can be done better by using available facilities. It is much more than the exchange of problem-solving information. It also involves the generation of psychic mobility or empathy, raising of aspirations, teaching of new skills and encouragement of local participation in development activities.

Na **Década de 1990**, e daí em diante, temos assistido a uma proposta de desenvolvimento - e consequentemente de C4D - orientada para as seguintes premissas-chave:

1. Mobilização de recursos, implementação de estratégias e alteração de comportamentos em prol de um Ambiente Sustentável: *“In the latter part of the 20th century (...) the institutional discourse then moved from mere exploitation to management of natural resources”* (Melkote & Steeves, 2001: 98).

2.Debate de políticas globais sobre bem-estar social: retorno àretórica das necessidades básicas defendida na década de 1970 (Cimeira Mundial sobre Desenvolvimento Social - Copenhaga, 1995). De realçar a introdução do IDH, publicado pela primeira vez em 1990 mas recalculado para os anos transactos, a partir de 1975.

Contudo, permaneciam as incertas: *“as long as those who favor the neo-classical approach wield power in development, the basic needs approach cannot dominate. Considerations of national and global security and economics will always take priority”* (Melkote & Steeves, 2001: 169). Preocupação partilhada por outros peritos: *“that the real motiv of basic needs proponents is to sustain global patterns of power by maintaining a ‘reserve army’ of labor for capital, an ‘army’ that is perhaps better fed, but still disempowered”* (Hoogvelt, 1982: 101).

3. Foco nas Abordagens Participativas de C4D: reforço da consciência crítica entre as populações nas suas comunidades e deestratégias de empowerment local: crescimento exponencial de Rádios Comunitárias na Guiné-Bissau e em Moçambique;

4. Aparecimento de estudos pós-modernos, pós-estruturalistas, pós-coloniais e feministas que desafiaram as perspectivas e os modelos logocêntricos e ocidentais(desconstrução da ideologia dominante do poder);

5. Maior abertura à diversidade cultural como pilar fundamental da identidade;

6. Maior preocupação com a equidade de género e/ou emancipação feminina (Quarta Conferência Mundial sobre Mulheres - Beijing, 1995 e Beijing5 Conferência da Mulher, New York, 2000);

7. Abordagens de desenvolvimento centradas nas pessoas e que sublinham a importância da auto-confiança, da capacitação, da participação local e da sustentabilidade ambiental;

8. Aumento exponencial das tendências a favor da globalização de estilos de vida, gostos, modas e do entretenimento mediado pelos mass-media;

9. Ascendência dos mercados globais e das empresas (visão macroeconómica);

10. Aparecimento do ciberespaço:NTIC's geram maior caudal de informações novas. A este respeito convém relembrar que a globalização veio colocar novos dilemas/novos objectivos de desenvolvimento e, consequentemente, novas estratégias de C4D.

1.3 Insuficiências da disponibilidade informativa e tecnológica

Na obra «A Lógica das Redes na Era da Informação», Castells (1997: 359) descreve um novo Paradigma Global no qual o PODER, “*is no longer concentrated in institutions (the State), organizations (capitalist firms), or symbolic controllers (corporate media, churches). It is diffused in global networks of wealth, power, information and images, which circulate and transmute in a system of variable geometry and dematerialized geography. Yet it does not disappear*”.

Este autor defende a existência de um “Quarto Mundo” (Castells, 1998) que integra vários países - fora da economia mundial pela sua fraca capacidade de crescimento - em três continentes (África, América do Sul e Ásia), alheios às mudanças de poder propiciadas pelas NTIC e pela Globalização. Isto é:os beneficiários do desenvolvimento são exactamente os mesmos: nações industrializadas e elites urbanas dos PVD:

Castells concludes that the network society will continue to widen the gap between the haves and the have nots, increasingly divided into those with access to cyberspace and other forms of mobility and those without access. While the increased globalization of the planet is rendering national boundaries less relevant (Melkote & Steeves, 2001: 64).

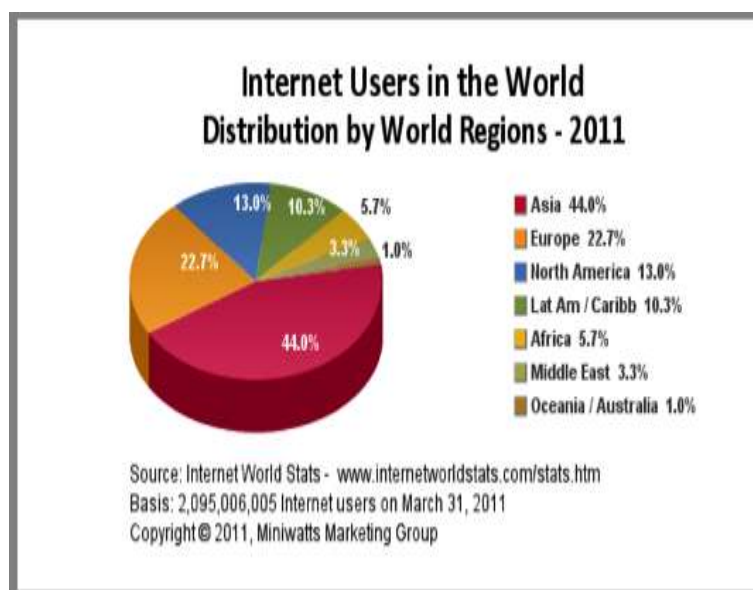


Gráfico 1 in www.internetworldstats.com/stats1.htm

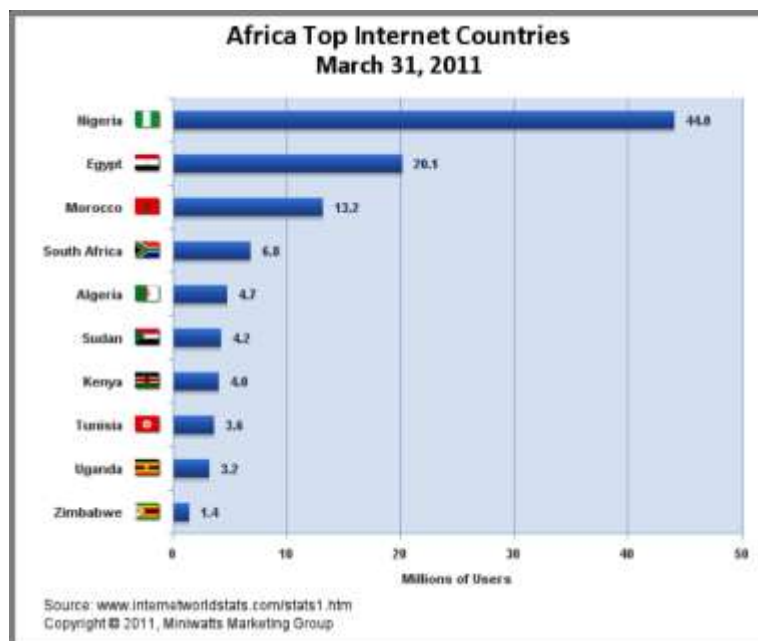


Gráfico 2 in www.internetworldstats.com/stats1.htm

Com efeito, África é o continente que maior evolução tem registado em termos de penetração das TIC, mas há ainda grandes limitações à sua disponibilidade e fruição. Os gráficos 1 e 2 mostram que a Internet ainda permanece fora do alcance de muitos países pobres: África 5.7% «versus» Ásia 44%. No continente Negro, Nigéria, Egipto e Marrocos ocupam os três primeiros lugares, com a África do Sul a mais de 5 pontos percentuais do terceiro classificado (apesar da sua posição de potência económica a nível regional). Dados estatísticos que corroboram o sentimento de inúmeros autores:

O Terceiro Mundo não consegue controlar nem sequer influenciar a circulação internacional de informação, mesmo a que versa os seus próprios problemas. É apenas o receptor passivo de uma informação de segunda mão, alheia aos seus interesses. No entanto, a independência em matéria de fontes de informação é tão decisiva no crescimento político e económico como a independência técnica. Se a actual situação da Comunicação no mundo não for alterada é a própria capacidade de crescimento autónomo destes povos que está em questão (Peixeiro & Ferreira, 2002: 193).

Assume-se hoje - em oposição às décadas transactas - que a natureza de cada intervenção desenvolvimentista deve ser equacionada segundo o contexto histórico, cultural, político e económico de cada país, de cada região, de cada comunidade. A análise desse contexto deve considerar:

1. Divisões sociais relevantes em termos de: raça, género, classe social, escalão etário e religião;
2. Questões ambientais (cosmos, recursos naturais, sustentabilidade ambiental);
3. Outros valores ético-sociais (justiça, preocupação pedagógica, equilíbrio opinativo, rigor informativo, narrativas locais, passado histórico, objectivos dos indivíduos):

Today, specific local circumstances and diversity are important factors that need to be addressed in policy and planning instruments. This will call for innovative, temporary networks of task forces that can best deal with the problems and challenges emanating from specific contexts (Melkote & Steeves, 2001: 198).

Hoje, graças aos avanços conseguidos, a C4D moderna é assim caracterizada: “*diverse methodological and theoretical trajectories but still centres around participatory production and utilization of indigenous knowledge in local development*” (Manyozo, 2006: 83).

Finalmente, foi reconhecida a importância do tradicional, do diferente, da multiculturalidade, do ambiente - e sobretudo da mulher - no desenvolvimento sustentável: “*Females are already central to virtually all concerns of development, for instance, farming and meeting basic needs, sustaining the environment, and contributing economically. In fact, the improvement in the conditions of women’s lives is statistically related to societal improvement*” (Melkote & Steeves, 2001: 189-90).

O conceito de C4D evoluiu e hoje significa: empowerment individual e colectivo, organização popular, acção comunicativa integradora das minorias, ressuscitação de experiências e conhecimento locais, enquadramento multi e interdisciplinar (contribuição da psicologia social, da ciência política, da sociologia, da economia, da antropologia, etc.), libertação da opressão, repositório de conhecimento, comunicação emancipadora dos povos e das comunidades:

(...) development communication is not message exchange but rather “emancipatory communication” that will free people to determine their own futures. That should include everyone participating in the process, not just the so-called target groups. The assumption is that once people get in touch with their sources of oppression as well as their sources of power, they will then be able to find solutions (Melkote & Steeves, 2001: 39).

II. Nações Unidas apostam na C4D através das Rádios Comunitárias

Um progresso teórico-prático que muito se deve à acção e/ou eficácia das RC: vozes de esperança que instituíram uma nova forma de combate à pobreza, à ignorância, ao isolacionismo e à info-exclusão. Hoje, este «media de proximidade» incluem, na sua programação, campanhas de inúmeras proveniências:

1. Da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) sobre desenvolvimento rural, preservação do ambiente, nutrição, comercialização de produtos alimentares e agrícolas;
2. Da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) - grande protagonista no sector da comunicação social - em torno de três áreas-chave: *“the free flow ideas by word and image, communication for development, and the development of socio-cultural impact of new communication technologies”* (Melkote & Steeves, 2001: 49);
3. Do Fundo das Nações Unidas para a População (UNFPA) no âmbito dos desafios impostos pelo crescimento populacional visando encontrar soluções de equilíbrio entre População e Recursos através de estratégias informacionais, educacionais e comunicacionais;
4. Do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) sobre má nutrição infantil, fortalecimento das infraestruturas de saúde e expansão da educação primária *“The UNICEF has actively relied on communication activities to garner public interest and support for its programs. In partnership with UNDP, UNICEF set up a Development Support Communication unit in the 1960s to stimulate and improve participation in all its projects”* (Melkote & Steeves, 2001: 50);
5. Da Organização Mundial de Saúde (OMS) sobre imunização, controlo e erradicação de doenças mortais (HIV-SIDA, malária, tuberculose, varíola, lepra);
6. Do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (UNDP) sobre construção e reforço da capacidade nacional em prol do desenvolvimento humano:

The concept development support communication (DSC) was first articulated within the UNDP in the 1960s by Erskine Childers. It ascribed a management function to DSC: Communications were not confined to information or broadcasting organizations and ministries, but extended to all sectors; and their success in influencing and sustaining development depended to a large extent on the adequacy of mechanisms for integrated and coordinated multi-sectorial project planning (Mayo & Servaes, 1994: 4).

III. Rádios Comunitárias: o futuro fala «global»

O que é uma Rádio Comunitária? A resposta mais completa é dada pela Associação Mundial de Radiodifusores Comunitários (AMARC), fundada em 1983 com o objectivo de acompanhar e apoiar a criação de um sector mundial de radiodifusão comunitária. Esta organização reúne hoje 4.351 rádios comunitárias (membros votantes) em 126 países e defende o direito à comunicação a nível local, nacional e internacional e promove os interesses do movimento de rádios comunitárias através da solidariedade, intercâmbio e cooperação.

Rádio Comunitária, rádio rural, rádio cooperativa, rádio participativa, rádio livre, alternativa, popular ou educativa (...) Quando uma rádio promove a participação dos cidadãos e defende os seus interesses, quando reflecte os gostos da maioria e produz bom humor e informa com verdade; quando ajuda a resolver os mil e um problemas da vida quotidiana; quando nos seus programas são debatidas todas as ideias e todas as opiniões respeitadas; quando a diversidade cultural tem primazia sobre homogeneidade comercial; quando as mulheres são as principais intervenientes na comunicação e não apenas uma voz bonita ou um atractivo de publicidade; quando nenhum tipo de ditadura é tolerado; quando a palavra de todos pode ir para o ar sem discriminação ou censura, isso é uma rádio comunitária (in: www.amarc.org).

A natureza de uma RC deve consubstanciar-se em quatro características mínimas: **1.** Propriedade da Comunidade (geográfica ou de interesse), **2.** Sem fins lucrativos (visa apenas objectivos sociais), **3.** Gerida pela Comunidade (sem interferências externas, públicas ou privadas, políticas ou comerciais), **4.** Programação deve reflectir problemas e aspirações da sua comunidade. A comunidade participa, assim, na: propriedade do meio, na programação, na administração/gestão, na operação, na avaliação e no financiamento.

IV. Experiências de Rádios Comunitárias: Guiné-Bissau «versus Moçambique»

A Guiné-Bissau foi o primeiro PALOP a dar início à experiência de «rádio comunitária» através da ONG Acção para o Desenvolvimento (AD) que apostou na criação da Rádio Voz de Quelélé (RVQ), em 1994, e cuja fama resultou do excelente trabalho efectuado no combate à epidemia de cólera que, nesse ano, invadiu Bissau e vitimou centenas de pessoas em todos os bairros, à excepção de Quelélé onde programas de sensibilização - sobre higiene individual e colectiva, desinfectação dos poços de água, remoção do lixo público, controlo do estado de saúde e evacuação dos doentes sintomáticos para o hospital central - foram veiculados.

Nos anos seguintes, estes OCS multiplicaram-se exponencialmente conquistando, irreversivelmente, o seu espaço de intervenção e o seu direito de cidadania. Hoje, as RC ascendem a mais de 30, espalhadas pelas 9 regiões administrativas do país, inclusive no arquipélago dos Bijagós. À excepção de muito poucas, todas elas pertencem à Rede Nacional das Rádios Comunitárias da Guiné-Bissau (RENARC), criada em 2001.

Em Moçambique, apesar da acesa controvérsia, defendo que o sector radiofónico comunitário moçambicano surge “inspirado, patrocinado e apoiado por duas agências das Nações Unidas (UNESCO e PNUD)” que vão implementar o projeto “Fortalecimento da Democracia e Governação através do Desenvolvimento dos Media (1998-2006)” - considerado o maior da sua génese, até à data, em todo o mundo - que resultou na criação, de raiz, de oito Rádios Comunitárias.

Hoje, as RC ascendem a 40 e estão filiadas no Fórum Nacional das Rádios Comunitárias (FORCOM), criado em 2004. Nalguns casos, estão inseridas em Centros Multimédia Comunitários (CMC's) - criados em prol das “TIC no desenvolvimento rural” - que comportam duas vertentes: RC e Telecentro. Este último disponibiliza múltiplos serviços (fotocópias, internet, aulas de informática, fax's, encadernações, material de economato) cujos dividendos são canalizados para as RC's.

RENARC e FORCOM têm atribuições muito similares: 1. a troca de programas entre os membros da REDE, 2. mecanismos de compra conjunta de equipamentos e materiais, 3. mecanismos de lobby junto ao poder político e legislativo em prol de interesses colectivos e individuais, 4. a capacitação e reciclagem de radialistas e técnicos, 5. o acesso a fontes de informação locais, regionais, nacionais e estrangeiras.

Em ambos os PALOP, as RC têm propostas editoriais para todos os gostos (Paula, 2011: 291):

1. Algumas optam pela **INFORMAÇÃO** (mensagens de nascimento ou falecimento, de organização de cerimónias tradicionais ou religiosas, para solicitar a vinda de um parente, para anunciar viagens ou para convocar reuniões);
2. Outras preferem a **CULTURA** (contam-se histórias de vida, recordações da juventude, anedotas, pedem-se conselhos, resolvem-se contendas);
3. Poucas afirmam-se pela diferença apostando firmemente na **FORMAÇÃO** (sensibilização sobre temas fundamentais relativos à cidadania, ao desenvolvimento sustentável, aos direitos humanos, à mortalidade infantil, ao ambiente, à saúde e aos direitos das mulheres).

4. A maioria vive da **RECREAÇÃO**: programas de música (discos pedidos e dedicatórias), de entrevistas com novos artistas, de promoção de cantores locais, desportivos e teatro radiofónico.

2. Conclusão

São inúmeras as semelhanças entre estes países: **1.**Apresentam um IDH Baixo (2011: Guiné-Bissau 176º e Moçambique 184º lugares, em 187 países); **2.**Constituição da República de 1990; **3.**Lei de Imprensa de 1991; **4.** Não têm Lei da Radiodifusão (e muito menos uma Lei de radiodifusão comunitária), as RC vivem com alvarás provisórios e licenças de emissão precárias (correndo o risco de encerramento imediato);**5.** RC enfrentam constrangimentos de natureza administrativa, material, humana, técnica, financeira e editorial.

Bibliografia citada

Dagron, A. G. (2001). Making Waves: Stories of Participatory Communication for Social Change. New York, Rockefeller Foundation.

Daniels, Walter M. (1951). The Point Four Program. New York; H.W. Wilson.

Hoogvelt, A. (1982). The Third World in Global Development. London, Macmillan.

Manyozo, Linje (2006). “Manifesto for Development Communication: Nora Quebral and the Los Baños School of Development Communication”. Asian Journal of Communication. Vol. 16, nº 1, pp.79-99.

Mayo, J. & Servaes, J. (1994). Approaches to Development Communication. Paris/New York, UNESCO/UNFPA.

Melkote, Srinivas R. & Steeves, H. Leslie (2001). Communication for Development in the Third World. London, SAGE Publications.

Moemeka, Andrew A. (1989). “Perspectives on Development Communication”. Africa Media Review, Vol. 3 Nº 3, African Council on Communication Education.

Paula, Patrícia Mota (2011). “Community Radio: the future speaks “glocal”. An African experience: the Guinea-Bissau & Mozambique cases”. Colômbia, Signo y Pensamiento nº 59, pp. 282-297.

Peixeiro, Fernando & Ferreira, José Gomes (2002). O acesso aos meios de comunicação social. In Comunicando – Unidade Didáctica 5, Págs. 189-193.

Quebral, Nora (2002). Reflections on Development Communication (25 years after). Filipinas, College of Development Communication, University of the Philippines Los Baños.

Rogers, E. M. (1969). Modernization among Peasants. New York, Holt, Rinehart and Winston.

Castells, M. (1997). The Information Age: Economy, Society and Culture. Vol. II: The Power of Identity. Oxford, UK: Blackwell Publishers.

Srampickal, Jacob (2006). “Development and Participatory Communication”. Quarterly Review of Communication Research – Vol. 25, Nº 2. Rome, Italy, Centre for the Study of Communication and Culture.

Tehrani, M. (1994). “Communication and Development”. In: D. Crowley and D. Mitchell (Eds.) Communication Theory Today. Stanford, CA: Stanford University Press, pp.274-306.

Tipps, D.C. (1973). "Modernization Theory and the Comparative Study of Societies: A Critical Perspective." *Comparative Studies in Society and History*, 15, pp. 199-226.

UNESCO (1980). *Many Voices, One World. Communication and Society Today and Tomorrow*. Kogan Page, London/Unipub; New York/UNESCO, Paris.

Young, K. (1993). *Planning Development with Women*. New York, St. Martin's Press.